AUTOR:

José Augusto Santos ¹

¹ CIFI²D, Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.15.02.96>

A Escola e o Desporto

PALAVRAS-CHAVE:

Escola. Desporto. Fenómeno social e cultural.

SUBMISSÃO: 17 de Maio de 2015

ACEITAÇÃO: 31 de Julho de 2015

RESUMO

O Desporto é um fenómeno social cada dia mais importante e com múltiplas implicações nas relações entre todas as sociedades humanas. Consubstancia-se como realidade plural que concretiza todas as expressões do humano. O Desporto radica-se na necessidade humana de desafio e transcendência. O Desporto dá ao homem a possibilidade de se elevar acima dos limites da sua expressão biológica. Daqui releva a dimensão cultural do Desporto. *Citius, Altius, Fortius*. A divisa olímpica não pode ser somente validada através da súmula das competências físicas, mas deve ser subsidiária duma axiologia que transporta o movimento desportivo significativo para lá da dimensão da corporeidade. Desporto como cultura e definidor de valores deve encontrar na escola o seu lugar genésico. Por isso, urge redimensionar a Educação Física e o Desporto escolar, ultrapassando o resistente dualismo que secundariza as coisas do corpo. A sociedade portuguesa, através da sua política educativa, deve eleger o Desporto como motor determinante de desenvolvimento e progresso alocando-lhe os meios adequados para a efetivação da sua elevada missão social.

The School and the Sport

06

ABSTRACT

The Sport is a social phenomenon increasingly important with multiple implications on the relationship between all human societies. It is embodied as plural reality embodying all expressions of human. The Sport is rooted in human need to challenge and transcendence. The Sport gives man the ability to rise above the limits of their biological expression. Hence highlights the cultural dimension of Sport. *Citius, Altius, Fortius*. The Olympic motto cannot be validated only through the summary of the physical skills, but must be subsidiary of an axiology that carries Sport beyond the dimension of corporeality. Sport as culture and creative force of values should find in school their founding place. Therefore, it is urgent resize the Physical Education and School Sports, overtaking tough dualism that minimizes the issues of the body. The Portuguese society, through its education policy, shall elect Sport as key driver of development and progress allocating to Sport the appropriate means for the realization of its high social mission.

KEYWORDS:

School. Sport. Social and cultural phenomenon.

O Desporto é a forma mais conseguida de elegia do Corpo. Este, como realidade incontornável, comporta todas as expressões que definem o humano – espírito, alma, emoção, imanência e transcendência.

O Desporto como realidade polissémica engloba uma diversidade de vertentes que lhe granjeiam a importância social que hoje merece. Desporto é biologia, psicologia, biomecânica, desenvolvimento, mitologia e fundamentalmente cultura. É como realidade cultural de expressão polimórfica que o Desporto se constituiu como o fenómeno socialmente mais pregnante dos séculos XX e XXI.

Por isso o Desporto não é coisa menor em qualquer tipo de sociedade, desenvolvida ou em vias de desenvolvimento, laica ou religiosa, agrícola ou industrial, insular ou continental, setentrional ou meridional. O Desporto atravessa as sociedades hodiernas com um lastro transformador que vai muito além do seu campo específico e direto de intervenção.

Por isso o Desporto é economia, ciência, investigação, ensino e promoção social. Essa polissemia concetual determina-lhe a importância e responsabilidade social que poucos levam até às últimas consequências. O valor do Desporto como indutor de elevação intelectual, científica e cultural de uma sociedade deve merecer, dos que ocasionalmente ocupam as cadeiras do poder político, a atenção e suporte adequados ao cumprimento da missão essencial que lhe está cometida.

O Desporto entendido somente na sua expressão utilitária, higienista, corporalmente formadora deixa na penumbra a sua essencialidade como fenómeno cultural. Não quer significar que aquelas expressões devam ser entendidas como menores ou de reduzida importância sociológica, mas que somente através da sua expressão cultural pode o Desporto abrir as portas de realização humana e social que estiveram fechadas, até há bem pouco, pela consideração dualista do corpo.

O Desporto expande o humano abrindo-lhe territórios renovados e renovadoras de sonho, volúpia e paroxismo. O Desporto dá ao Homem o que ele nele procura. É um pai generoso que oferece na medida do que se pede. Saúde, fruição estética, descarga adrenérgica, sentido de partilha, espírito de corpo, cooperação, desafio e superação.

Para mim, como professor, o Desporto é o fundamento ético, estético, científico e axiológico da Educação Física. Consubstancia uma realidade social e cultural que importa interpretar e desenvolver, transformando-o em meio de educação. A escola, mesmo visando a formação completa do ser, não pode considerar as atividades físicas desinseridas do contexto de cultura que lhe dão significado.

Para mim, como atleta e treinador, o Desporto é uma aventura constante que me coloca desafios recorrentes que tento ultrapassar com o espírito em festa e o corpo mortificado. A procura dos limites do humano através do Desporto é a grande aventura ecuménica do século XXI. Não sei se o Desporto sobreviverá aos séculos vindouros, mas, mesmo que feneça nas poeiras do tempo, criou história imortal do que melhor o humano construiu.

O Desporto cria as sínteses mais criativas do humanismo hodierno. As ciências do Homem estão tocadas pelo demónio da fragmentação, do reducionismo. Em alguns momentos, e.g. na investigação científica, essa procura do elemento desligado do todo é condição *sine qua non* para a evolução e progresso. Mas, quando vamos à procura do infinitamente pequeno temos que ter o infinitamente grande – o Homem, como referência. Todas as aventuras reducionistas são válidas e justificáveis quando em movimento de *feedback* regressam ao Homem que as determina.

Por isso, o Desporto é um campo magnífico das mais conseguidas sínteses. O Desporto, ao contrário de outras áreas de intervenção social, nunca perde de vista o ser atuante (dimensão motora), o sujeito sensível (dimensão afetiva) e o sujeito pensante (dimensão cognitiva). Todo o ato desportivo está impregnado da totalidade do ser. Esquecer isto é perder de vista a inteireza inquebrantável do Homem.

Raras expressões culturais humanas conseguem abordar o Homem na sua pluralidade. Teatro, cinema, música, sim, têm o Homem quase completo como referência. No entanto, só a Dança e o Desporto conseguem elevar o Homem na sua integralidade. O sujeito atuante, sensível e cognitivo só na Dança e Desporto é abordado de forma não disjunta. Nunca, como nestas realidades culturais – dança e desporto, a expressão motora é recoberta, com o manto etéreo e significativo, da cognição e emoção.

Assumindo como postulado que o Desporto é fundamentalmente substanciado em expressões motoras, estas são sempre enriquecidas pelos domínios da cognição e afetividade o que torna o ato motor realização cultural, isto é, humana.

Esta aventura gnosiológica de tornar o ato motor uma realidade cultural entronca na própria evolução filogenética da espécie. A evolução do cérebro humano dá-nos uma imagem clara do que está investido ou comportado no ato motor e por consequência no Desporto. O cérebro humano, embora deva ser entendido na sua integridade complexa, evoluiu do cérebro reptiliano, para o cérebro dos mamíferos inferiores até chegar ao neocórtex que caracteriza a espécie humana e lhe permite o pensamento abstrato e a criatividade.

Assim, em cada expressão motriz o homem transporta toda a sua ancestralidade filogenética. Em cada gesto desportivo estão implicados os mecanismos arcaicos de agressão e fuga, afetividade e sentido de território, compreensão e inteligência. No entanto, a visão integrada é essencial para compreender a ação desportiva. O mesmo aparelho neuro-cerebral que elabora o pensamento é o mesmo que prepara, desenrola e controla a ação. *In benevolentiae* o desporto diviniza o homem; *in malevolentiae* o desporto reduz o homem à sua condição de animal predador propiciando a emergência dos seus instintos primários e naturais de agressão.

Quando se fala de inteligência emocional, pretende-se dar uma noção de unidade a conceitos que não são dispersos, mas complementares. Afirma-se que a razão pensa a obra e a emoção ergue-a. Penso que própria conceção da obra já tem um lastro de emoção a

determiná-la. No Desporto, o problema da emoção/afetividade é de capital importância já que, pela negativa, abre os caminhos da irracionalidade e desumanização e, pela positiva, os da motivação transformadora.

O Desporto está impregnado de sociedade. O Desporto consubstancia uma certa forma de uso social do corpo, ainda agora manchado pelo estigma duma conceção dualista que privilegia os valores ditos intelectuais em detrimento dos valores corporais, fazendo transpor para uma atividade não diretamente produtiva a competição económica e social. Mas, enquanto a competição económica é cega, anárquica e brutal, a competição desportiva é controlada, racionalizada, tornada eticamente aceitável.

Imediatamente após o 25 de Abril, alguns pensadores de esquerda, mais fundamentalistas, tocados por uma visão redutora dos fenómenos sociais, proclamavam o desporto de competição, em especial o futebol, como fenómeno de massas alienante. Esqueciam-se de um princípio fundamental na análise política da realidade: quando uma sociedade se caracteriza pela restrição de liberdade de ação e pensamento, em que a mensagem emanada do poder é a verdade única aceitável, então o Desporto está alienado. Nesse caso, a alienação não toca somente o Desporto, mas também as restantes instituições sociais.

Numa sociedade alienada tudo está alienado menos aqueles focos de insubmissão que resistem, como faróis de liberdade, contra a lógica política vigente. Em todo o mundo, muitos desses faróis de liberdade tiveram nascimento no âmbito do Desporto. Quer isto significar que mesmo em sociedades totalitárias, sonegadoras das mais básicas liberdades individuais, o Desporto pode-se constituir como contrapoder pois é um fator indutor de pensamento livre e iniciativa transformadora. No seio do Desporto é difícil criar exércitos de escravos, razão pela qual, muitos sistemas políticos ditatoriais trataram com especial desvelo os campeões desportivos tentando arregimentá-los como modelos exemplares das virtudes do sistema.

O Desporto treina o corpo e o pensamento e este raramente se deixa prender nas baías da submissão. O medo pode impedir o pensamento de voar, mas o gérmen da pergunta permanece incontornável em estado larvar. Todo o pensamento livre ou ansiando liberdade levantará muitas vezes a questão: Porquê? Um desportista é por natureza questionante, isto é, interrogador da realidade em que se move. A capacidade de pergunta é um dos sintomas de liberdade.

Por comodismo ou interesse imediato, o Desporto pode fazer coincidir os seus interesses com os do poder político ou económico que o controlam. Hoje, muitos fundos financeiros procuram no Desporto uma capa de legalidade e dignidade que intrinsecamente não lhes corresponde. Os fundos especulativos, com a mesma facilidade com que destroem a economia dos países, espriam-se, como veraneantes de ocasião, nas praias promocionais do Desporto. A força promocional do Desporto é fogo em que muitos plutocratas se queimam mas que permite uma imagem falsa de utilidade social a muitos outros.

Mas, para lá da sua utilização desvirtuada, o Desporto ainda mantém um módico de ilusão e sonho que permite preencher de cor a vida de muitos.

Por isso, os nossos campeões são modelos referenciais cujos êxitos afirmam a sua excelência individual e, quer queiramos quer não, elevam a imagem do país. Que eles sejam muitas vezes assumidos por quem para a dignificação do Desporto pouco contribuiu, são contas de outro rosário.

Para onde vai o Desporto Português? Que novas rotas deve seguir?

Tendo como referência os pressupostos filosóficos, políticos e sociológicos atrás abordados procurarei avançar na resposta a essas perguntas.

Para onde vai o Desporto Português não sei. Qual a rota segura que deve seguir sei-o há bastante tempo, e não tem nada de novo.

A solução do Desporto Português passa pela Escola.

Esta afirmação, repleta de gratuidade na boca dos políticos, é de crucial importância para estruturar uma prática desportiva com alicerces seguros. Daqui dimana a importância social, pedagógica e formativa da educação física.

O Desporto na escola deve ser abordado numa dupla vertente: (1) como meio de formação e educação psico-motora, e (2) como *prolegomenon* para a prática desportiva de competição. Ambas são socialmente importantes e devem merecer a atenção, reconhecimento e suporte dos poderes públicos instituídos.

Urge que a escola seja a fonte renovadora dos desportistas de elite que representem Portugal nos areópagos desportivos internacionais. E por isso o Desporto escolar tem que ser levado a sério. A escola, começando com a educação física escolar, bem expressa nos *curricula*, deve ser o ponto de partida do Desporto escolar que, se funcionar bem, deverá ser o viveiro onde o Desporto de alta competição encontre o seu húmus renovador.

Para conseguir tal desiderato, o Desporto escolar deve ser redimensionado, permitindo que cada escola responda ao pulsar desportivo regional, desenvolvendo centros de excelência que não se compadecem com horários limitados e meios reduzidos que lhe estrangulam a operacionalidade. A implementação de um quadro de treinadores especificamente vocacionado para o treino no âmbito do Desporto escolar, ocupando espaços e tempos fora dos tempos letivos usuais, corretamente pagos e apoiados por uma estrutura dirigente, é condição *sine qua non* que permitirá o salto quantitativo e qualitativo que o Desporto nacional necessita.

A visão política economicista da sociedade, que atravessou como veneno os últimos governos, tem impulsionado uma política niilista cuja sanha redutora tem afetado a eficiência formativa da educação física. Quem retira espaço de intervenção da educação física e desportiva na escola contribui consciente ou inconscientemente para a debilitação da saúde física e mental da nossa sociedade.

Em 1933, Fernando Pessoa, com o humor cáustico que o caracterizava, referia-se assim aos benefícios da ginástica e educação física: – “Quando, em 1907, o Prof. Egas Moniz me passou, para fins gimnásticos, para as mãos de Luiz Furtado Coelho, para ser cadáver só me faltava morrer. Em menos de três meses e a três lições por semana, pôs-me Furtado Coelho em tal estado de transformação que, diga-se com modéstia, ainda hoje existo – com que vantagens para a civilização europeia, não me compete a mim dizer” (in Forum Olímpico de Portugal).

A educação física escolar deve ser o ponto de partida do Desporto escolar, mas também deve desenvolver os saudáveis hábitos duma prática desportiva que ajude a erradicar a doença e se constitua como suporte cultural e higiénico duma vida social bem preenchida.

Médicos, trolhas, professores, juristas, carpinteiros, eletricitas, engenheiros, técnicos de limpeza, polícias, bombeiros, advogados, cirurgiões e até políticos cumprirão com maior proficiência as tarefas sociais que lhes estão cometidas se a sua corporeidade estiver estruturada numa educação física plenamente formadora.

A Escola é o centro de promoção da cultura intelectual, corporal e artística de um povo. Nunca se lhe devem sonegar os meios para ela cumprir essa elevada missão.